

# O PANORAMA.

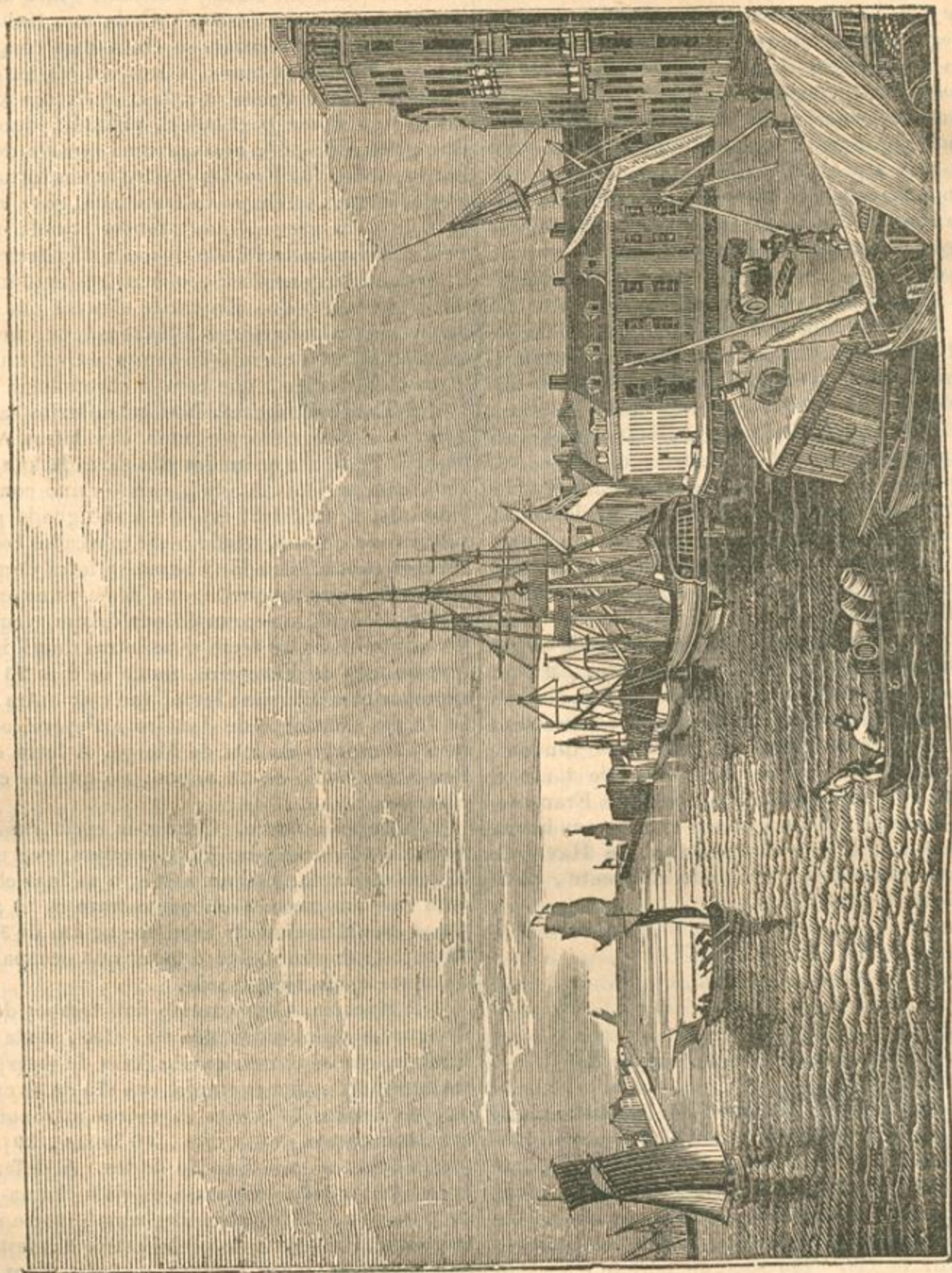
JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Utéis.

125)

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (SETEMBRO 21, 1839)



VISTA DO PORTO D'HAVRE DE GRACE.

Está provado que o solo em que está edificada a cidade do Havre não existia no começo do seculo 15.<sup>o</sup>; porem assim mesmo houveram historiadores tão animosos que se arrojaram a crear neste local uma cidade florecente na epocha da conquista da Gallia: outros mais circumspectos contentavam-se que tivesse sido um acampamento de Julio Cesar. Ainda quando não houvesse a certeza de que este terreno conta apenas uns tres seculos d'existencia, quasi á primeira vista se conheceria que as aguas recentemente o abandonaram, concluindo-se dahi a razão da abundante fecundidade das pastagens e seáras que com sua activa vegetação o enriquecem.

VOL. III.

O Havre situado na extremidade do aprasivel valle de duas leguas d'extensão que vai até Harfleur, parece que sae do meio das aguas, cujo dominio usurpou: e é bem facil de reconhecer de muita distancia pela selva de mastros de navios que surgem das suas caldeiras. Na proximidade desta opulenta cidade commercial está a aldeia de Graville, onde os curiosos vão examinar as ruinas da antiga abbadia: o Sena banhára outrora as faldas destes outeiros de Graville, e ainda se divisam os enormes argolões de ferro que serviam para amarrar as embarcações ás muralhas do castello: hoje as aguas do rio correm arredadas mais de duas leguas deste sitio.

Contiguo ao Havre é o populoso arrabalde d'Ingouville, que com seus jardins e hortas em forma d'ampitheatro faz uma formosa vista: as casas neste bairro, bem como na cidade nova são modernas e magnificas; não assim na porção mais antiga, onde as ruas são regulares, mas a casaria mal construida.

A fama e prosperidade do Havre nasce da sua importancia maritima e commercial; pôde dizer-se que este é o porto por onde os generos coloniaes e fazendas estrangeiras se importam para Paris, da qual dista 59 leguas de 25 ao grau, e 18 de Ruão. Para as fabricas do districto desta ultima tambem sae do Havre prodigiosa quantidade de algodão. A par deste grosso trafico, contribuem para a riqueza e emprego da população os muitos navios que todos os annos se armam para a pesca da balea e do arenque, e conjunctamente ser este um dos principaes arsenaes maritimos da França. Ha no Havre uma excellente casa d'alfandega; os outros edificios publicos, á excepção do theatro, não merecem consideração. Tem um lyceu, uma escola de navegação, outra de geometria applicada ás artes, museu d' historia natural, bibliotheca de 15:000 volumes, com outros estabelecimentos litterarios. O porto comprehendido dentro do circuito da cidade communica com tres vastas caldeiras susceptiveis de recolherem mais de 500 navios: na entrada ha uma torre velha, fabrica de Francisco 1.<sup>o</sup>, da qual se fazem signaes para as embarcações que vem no mar. No cabo la Héve, á foz do Sena, estão dois excellentes faroës. É mui activa a navegação por barcos a vapor e outros entre o Havre, Ruão e Paris, e igualmente entre a primeira e Honfleur que fica na margem opposta do rio.

Havre quer dizer *porto*, e denominou-se *de Grace* em razão d'uma capella de N. S. da Graça, a cuja imagem os primeiros habitantes tinham grandissima devoção, recorrendo á sua protecção nos desastres, que experimentaram quando a cidade se fundou, motivados por irrupções do mar: e pôde tanto a crenga popular que escureceu o nome de François-ville, que a corte desejava dar á cidade em honra de Francisco 1.<sup>o</sup> A população actual de Havre-de-Grace, contando o vasto arrabalde adjacente, pôde calcular-se em 30:000 almas.

#### CHRONOLOGIA.

#### VI

(Veja-se a pag. 179 deste volume).

DEPOIS de havermos dado noticia circumstanciada das diversas divisões do tempo entre os romanos, deviamos talvez fallar dos annos judaico, egypcio, babilonico, arabico, indio, e chim; mas todas estas differentes fórmulas de annos tem tão pouco uso no estudo da historia, que julgámos escusado demorarmos em fallar dellas. Não succede porem o mesmo com o anno da republica franceza, que, apezar de ephemero, não deixa de embaraçar-nos quando lêmos os livros de muitos escriptores daquelle tempo e daquelle nação, que deste computo se serviram para as datas dos successos, que narram: daremos pois, d'elle, neste logar uma breve noticia.

O anno da republica franceza foi estabelecido por decreto da Convenção-Nacional de 5 d'Outubro de 1793. Este decreto fixava o principio de cada anno á meia-noite, começando exactamente no equinoxio do outomno. Assim o anno que findava na noite de 21 para 22 de Setembro de 1793 vinha a ser o primeiro desta nova era, de modo que quando o decreto saíu, ficou-se de repente no dia 14 do anno novo,

Aos tres mezes do outomno pozeram] os nomes de *vendémiaire* [mez das vendimas] *brumaire* [mez dos nevoeiros] *frimaire* [mez das geadas]; aos d'inverno chamaram *nivose* [mez das neves] *pluviose* [mez das chuvas] *ventose* [mez das ventanias]; os da primavera, denominaram-os *germinal* [mez da germinação] *floréal* [mez das flores] *prairial* [mez dos prados ou da relva] os d'estio ficaram com a denominação de *messidor* [mez das ceifas] *thermidor* [mez dos banhos] *fructidor* [mez dos fructos]. Cada mez tinha 30 dias, e aos 12 mezes seguiam-se cinco dias complementares nos annos communs, e seis nos bissextos. O mez era dividido em tres decadas; cada dia da decada tinha um nome particular, primidi, duodi, tridi, &c., até o decadi, que era uma especie de dia sancto republicano. Em fim quatro annos formavam um cyclo, o qual se chamava franciada, para macaquiar a olympiada grega, que tambem era de quatro annos. Este calendario não durou senão treze annos.

Segue-se agora dizer, o mais resumidamente que for possivel, o que são varios signaes que se encontram nos calendarios e folhinhas; porque estes signaes tem mais correlação com a astronomia, e computo ecclesiastico, que com a chronologia historica.

1.<sup>o</sup> *Letra dominical*. Nos calendarios cada dia da semana é designado por uma das letras A, B, C, D, E, F, G: o primeiro dia de cada anno é apontado com a letra A. Se, pois o anno começa, por exemplo, á 4.<sup>a</sup> feira, este dia é designado por A durante todo o anno, vindo a ser marcados todos os domingos com a letra E. Chama-se letra dominical de qualquer anno, aquella que nesse anno cae ao domingo, a qual, no exemplo que démos, vem a ser E. Os annos bissextos tem duas letras dominicaes, porque no mez de Fevereiro, sendo os dias 23 e 24 designados com a mesma letra, vac cair outra, differente da dos domingos de Janeiro e Fevereiro, no primeiro domingo do mez de Março. A letra dominical fórma um cyclo de 28 annos; ao qual se chama *cyclo solar*.

2.<sup>o</sup> *Aureo numero*. Chama-se *cyclo lunar* a uma serie de 19 annos; no fim dos quaes, por um calculo pouco exacto, as luas novas, e as luas cheias, devem cair nos mesmos em que caíram os 19 annos antes, o que só realmente acontece no fim de 312 annos. O aureo numero indica o logar que occupa cada anno neste cyclo imaginario.

3.<sup>o</sup> *Epactas*. Comparando dois tempos de duração desigual e diminuindo um do outro, resta uma differença, que se chama *epacta* [dias de mais]. Os nossos mezes civis, por exemplo, ora são de 28 ou 29 dias, ora de 30 ou 31; mas os mezes astronomicos são constantemente de 30 dias, 10 horas, 29 minutos, 3 segundos, e uma fracção destes. A differença entre os mezes astronomicos e os civis chama-se epacta do mez. Ha, principalmente, uma especie d'epactas que servem no computo ecclesiastico das festividades, e de que os calendarios fazem menção. Vem a ser esta a differença entre o anno solar e o anno lunar. Esta differença é de 10 dias, 21 horas, 7 segundos e alguns terceiros, que se calcula, conta redonda, em 11 dias. Assim, em todos os annos civis o numero das epactas augmenta 11. Todavia, addicionando as epactas de muitos annos nunca se passa de 30 dias, porque estes constituem um mez lunar, que se suppõe intercalado. Assim no primeiro anno as epactas são de 11; no segundo de 22; no terceiro seriam de 33; mas por causa dos 30 intercalados, não se admittem senão 3: no 4.<sup>o</sup> anno ficam portanto as epactas de 14; no 5.<sup>o</sup> de 25; no 6.<sup>o</sup> de 36, que a intercalação reduz a 6; e assim por diante. Este computo [modo de contar] das epactas formam um cyclo de 19 an-

nos, visto que no 20º anno, as epactas são 11 como o eram no primeiro. Serve isto na astronomia para o calculo das luas cheias, e das luas novas.

4.º *Festas moveis e immoveis.* Chamam-se festas immoveis aquellas que todos os annos caem no mesmo dia do mez. Os documentos antigos são muitas vezes datados das festas, por isso seria bom sabe-las mas fôra muito extenso o po-las neste logar; nem em todos os cultos são todas ellas celebradas do mesmo modo. As festas moveis são aquellas que não caem todos os annos no mesmo dia do mesmo mez, mas que variam segundo o dia em que a paschoa cae, de maneira, porem, que são todos os annos celebradas na mesma ordem e na mesma distancia umas das outras. A festividade da paschoa póde cair entre 22 de Março e 25 d'Abril: estes dois dias são os extremos limites, alem dos quaes nunca vem o domingo de paschoa.

Tendo até aqui tractado das diversas medidas dos tempos, resta-nos fallar da distincção destes; para o que fallaremos no seguinte artigo das diversas epochas ou eras que tem havido no mundo.

A. H.

#### O PRIMEIRO SARGENTO-MOR EM PORTUGAL.

No EXTINCTO convento de Sancto Antonio, da provincia de Portugal, sito no termo da villa da Castanheira, edificado pelo bispo D. Jorge d'Ataide, da casa dos condes da Castanheira, existe uma sepultura em frente da porta principal da igreja, da parte de dentro, dividida ao meio pelo guarda-vento: na campa, que é de marmore branco com manchas vermelhas, lê-se em letras bem abertas, e ainda muito claras, o seguinte epitaphio. — *“Pater noster — Pela alma de Francisco Henriques e de Maria de Ayala, sua mulher que faleceu a 21 de Março de 1587; e elle a 4 de Janeiro de 1592. Foi o primeiro sargento-mor deste reyno, de Lisboa e seu termo, por elrey D. Sebastião primeiro deste nome mandou armar e pôr em ordem de guerra por D. João de Mascaranhas, e por elle no anno de 1570 durou esta ordem em todo o reino até o Cardinal rey, D. Henrique, falecer.”* —

Vê-se que em tempo d'elrei D. Sebastião se creára o posto de sargento-mor, e tambem o de capitão-mor da milicia chamada — *ordenanças*: o que se comprova com o que nos deixou escripto no discurso segundo das — *Noticias de Portugal* —, o chantre d'Evora, Manuel Severim de Faria. Diz este A. que elrei D. Manuel mandára alistar para o serviço das armas toda a gente que havia capaz delle em todos os logares do reino; porem que elrei D. Sebastião fôra quem mais trabalhou neste ponto, fazendo e mandando rigorosamente observar um miudo regimento para adéstrar o povo na disciplina militar. Ordenou que os alcaides-mores e senhores dos logares fossem capitães-mores delles: e que aonde não houvessem aquelles as camaras egresses os capitães-mores, bem como os sargentos-mores, e que estas duas auctoridades depois egresses com os votos da governança os capitães e officiaes das companhias; que estas tivessem a força de 250 homens cada uma, e que houvesse exercicio no campo ao domingo, para se exercitarem, *conforme as armas, que cada um trouxesse*, havendo premio para os *mais destros*, e *penas aos que faltassem*: que os homens de cavallo tivessem revista mensal; e finalmente que em cada anno se fizessem dois alardos geraes, um pelas oitavas da paschoa, e outro no dia de S. Miguel.

Fica portanto provado que esta ordem de milicia

se estabeleceu regularmente no reinado de D. Sebastião.

#### LADRÕES.

PELOS foros mais antigos do reino o ladrão que fazia o primeiro furto tinha por pena pagar o anoveado [*novêias*]. Nas côrtes de Santarem de 1331 ordena elrei que se guarde este costume, não excedendo o roubo o valor de 20 libras; mas que se exceder enforquem o ladrão. Todavia para não ser o castigo unicamente pagar as *novêias*, manda que levem o ladrão ao pé da força, com barago ao pescoço, e as mãos atadas atraz, e ahí pague logo o valor do furto anoveado, o dobro ao dono do roubo, e os sete tantos ao senhor da terra; e no caso que o não possa ou não queira fazer, que *moyra*. Os honrados [isto é as pessoas não do vulgo] resolve elrei que sejam levados, sem barago ou mãos atadas, não ao pé da força, mas perante o alcaide e alvariz, onde pagarão logo do mesmo modo que os outros, ordenando, porem, que, se o não fizerem, *moyram*. —

#### OS MUNGUVIENSES.

No CENTRO da Nigricia jaz o grande reino de Bornô ou Bornú, confinante com o paiz da Munga, que lhe é tributario: porem como os mungovienses são altivos e ferozes, suscitam-se frequentes rebelliões que só á força d'armas se applacam. Ao reino de Bornú preside um sultão negro, como a maioria dos subditos, com um immediato, arabe ou mouro, que é o xeque ou general das tropas. O capitão Denham e outros viajantes inglezes, que atravessaram a Africa em 1836, deram curiosas instrucções ácerca destes paizes; da sua relação extrahiremos algumas particularidades. Todos os habitantes são mahometanos; e nas suas bandeiras trazem escriptas em letras de ouro algumas passagens do Alcorão. Cultivam a terra; e as cabanas em que moram são commodas, e bem construidas com uma especie de tabúa, que cresce mui alta e em grande copia á beira dos rios; e interiormente repartidas com esteiras, que as mulheres fabricam com muito artificio: tem sua porta de palhoça encaixilhada em madeira. Quando os mungovienses atacam uma povoação é costume lançarem-lhe logo fogo; e n'um instante todas as choupanas são presa das chammas. Os miseraveis habitantes fogem a toda a pressa, mas vem cair nas mãos dos inimigos desalmados que os cercam; os homens pela maior parte ficam mortos no campo, e as mulheres e rapazes feitos escravos são accorrentados a dois e dois. Nada ha tão lastimoso como as caravanas destes infelizes que levados para Tripoli atravessam um vasto e mesquinho paiz. Os negociantes desta escravatura costumam comprar um ladino para persuadir aos companheiros que chegando a Tripoli serão soltos e vestidos de encarnado, cõr muito da paixão de todos os negros: com estas promessas alcançam que os buçaes se submettam tranquillamente á sua sorte até se acharem tão distantes da patria que não poderão evadir-se sem risco de morrerem á mingua. Se os milheiros d'esqueletos, que alvejam no deserto, revolvidos pelo sopro do suão, não attestassem esta horrivel verdade, a boa disposição dos escravos no Bornú, onde vivem soffrivelmente, comparada com o lastimoso estado em que chegam ao Fezzan, provaria claramente os pungentes soffrimentos que experimentaram.

Os mungovienses destruíram com as suas invasões Birnia, a mais importante cidade do Bornú, d'ambito vasto e fortificada com muralhas de tijolos; arrazaram igualmente Gambaru, que ainda ha deze-

seis annos florescia, situada n'um formoso valle, proximo ás margens do Muggabi, em cujas aguas abundam os corpulentos cavallos marinhos: nesta povoação havia uma mesquita e o palacio de residencia, que os sultões do paiz mais estimavam. Estas ruinas attestam uma certa policia e amor das commodidades; donde se infere que estes povos do sertão africano não são tão incultos e estupidos, como alguns julgam.

A estampa, que precede este artigo, nos dispensa de descrever o apparatus bellico d'um habitante de Munga, a quem nem o fato nem as armas carregam muito: todavia esta gente é a mais temivel infantaria africana, porque, alem de serem activos e leves, usam hervar as frechas de forma que as feridas são infallivelmente mortaes.



GUERREIRO MUNGOVIENSE.

O CHRONISTA.

*Viver e crer de outro tempo.*

1535

I

O VIVER.

Ao cair da noite de um dia tenebroso dos fins do inverno, em que o ceu parecia desfazer-se em chuva, um homem a cavallo, cuberto com uma ampla coroa, e um chapéu de feltro de largas abas na cabeça, saía á redea solta dos paços d'elrei D. João 3.<sup>o</sup> [que então residia em Evora], e atravessava as

ruas da cidade que estavam desertas, não só por causa do mau tempo; mas porque eram horas de cada qual tractar da cea, e de repousar das fadigas do dia. O cavalleiro dobrou muitas esquinas, enganou-se umas poucas de vezes, voltou para traz, tomou á direita, depois á esquerda, seguiu avante, tornou a desandar, rogou bem dous centos de pragas, até que por fim, chegando á boca da rua da Oliveira, susteve o cavallo, e olhando para um e outro lado, como quem se affirmava, fez um gesto de raiva, e disse por entre os dentes.

“Dor de levadigas consuma o diabo! — Pensei que não dava com a excommungada da rua!

E seguiu por ella abaixo.

A rua da Oliveira era talvez a peor d'Evora. Posto que a maior parte da cidade já estivesse calçada, esse progresso de civilisação ainda alli não havia chegado, e a rua quasi estava intransitavel com a chuva, que enchia as barrocas largas e profundas, disseminadas irregularmente pelo caminho. Era, alem d'isso, aquella rua estreita, immunda, e mal assombrada: em toda ella, por um e outro lado, não havia senão muros de quintaes que pertenciam a edificios de ruas contiguas, ou algumas casas, gothicas, negras, e arruinadas, só povoadas de ratos e osgas. Apenas ao meio della tres moradas tinham habitadores: dois cavalleiros honrados, já velhos e pouco abastados, occupavam duas casas, que ficavam á banda esquerda: defronte habitava outro visinho, em uma casa terrea, e negra, como as demais, conhecendo-se por um unico signal que em rua tão erma havia gente, e era que naquelle sitio as aguas do inverno não tinham podido desfazer um enorme monturo, que servia de recreio aos cães vadios, que alli vinham retouçar nas immundicies despejadas quotidianamente pelos tres visinhos, naquelle sitio, ainda mais intransitavel e feio, que o resto da melancolica rua (\*).

O cavalleiro de que acima fizemos menção, chegou á porta da estrebaria de Alvaro Salgado, um dos dous honrados velhos, antigos moradores daquelle ermo; um homem embrulhado em uma especie de manta ou cobertor, muito roto, estava assentado em um poyal da parte de dentro da estrebaria, e um rocim quasi ethico, amarrado á manjadoura, roía, cambaleando, algum retraço da palha, amarella, e meia podre. O homem da manta parecia tiritar de frio.

Sustendo o cavallo, o recém-chegado disse para o que estava assentado no poyal:

“Boas tardes, meu amo. Sabeis-me dizer se mora aqui Pero do Porto, mestre cantor do cardeal D. Affonso!”

“Ahi defronte, senhor cavalleiro, nessa casa terrea, ouço muitas vezes cantar solfa: de mestre cantor é signal: mas o dono da casa é o licenciado Acenheiro.”

“Justamente: Christovam Rodrigues Acenheiro. Em casa d'elle me disse mestre Pero que morava. Louvado Deus, que atinei com o démo da pousada. Bom homem, quizera fosseis pedir a vosso senhor me concedesse licença para recolher o meu cavallo nessa estrebaria; já se sabe, pagando eu.”

O homem poz-se em pé: cerrou os dentes para mostrar que não tiritava: deitou a manta para traz, querendo dar a entender que por baixo do mui çafado gibão, estava bem enroupado; e sem desaferrar os dentes, respondeu com menões de altivez:

“Não preciso de ir incommodar para isso meu se-

(1) Esta descripção da rua da Oliveira é rigorosamente historica, bem como grande parte do que neste capitulo é descriptivo. Tiramo-lo de uma carta inedita de Fernão Cardoso, em que elle narra uma visita que fez ao cantor Pero do Porto.

nhor, que ora está em casa do mui honrado cavalleiro Affonso Telles, nosso visinho do lado. Tenho ordem para dar gasalhado a todos os cavalleiros que delle houverem mister; se bem vos entendi, vós só o pedis para o vosso cavallo, e como aqui não está nenhum palafrenero, eu proprio o recolherei.”

«Logo vós sois?...»

«Escudeiro de Alvaro Salgado, que é cavalleiro acontiado, e fidalgo desta cidade, para servir vossa mercê.»

O cavalleiro, que parecia soccarrão e malicioso, mediu d'alto a baixo o vestuario pobrissimo do apaixonado escudeiro, e proseguiu:

«Perdoae, honrado escudeiro, se vos tractei com menos respeito do que era devido a vossa cathedra: todavia serei ousado de vos offerecer uma ninharia para dardes de beber ao palafrenero. Ordenae-lhe que espere por mim, que logo hei-de sair.»

«Aos palafreneros o darei: retrucou o homem do gibão surrado, estendendo a mão magra e suja para receber alguns tostões brancos, que o cavalleiro tirára de uma bolça de couro, que trazia pendurada da cincta. O prazer, mal encuberto, refulgia-lhe nos olhos encovados.

Depois disto o cavalleiro apeou-se; desfivelou a eoroga, e atirou com ella para cima do cavallo, ficando em gibão e cuberto com um ferragoulo, ou capa á moda d'Italia, d'onde lhe veio o nome.

A chuva tinha cessado, e o vento saltára a nordeste. O ceu azul começava a apparecer por entre os montões de nuvens que corriam para sudoeste, e as estrellas scintillantes misturavam já a sua luz incerta com a derradeira claridade do dia. O cavalleiro deixando o seu Babieca (\*) entregue ao nobre escudeiro do nobilissimo Alvaro Salgado, rodeou o monturo, e, pé aqui, pé acolá, foi bater á porta da casa do licenciado, cantarolando esta copla do Cançioneiro de Resende:

Os ares já resoltoz  
Dos vapores congelados,  
Nevoentos,  
Ficaram frios, enxutos,  
Espelhentos.

«Quem bate? — perguntou uma voz forte, semelhante á de um novilho de tres annos.

«Abri, mestre Pero, que é vosso amigo Fernão Cardoso. Prometti vir cear uma noite comvosco; dessempenho a promessa.»

«Dó, ré, sol, fá! *Glori....a....a in excelsis.... celsis....*, garganteava Pero do Porto, correndo o ferrolho, e abrindo de par em par a grossa porta de carvalho, que, guinchando nos gonzos, parecia querer fazer o acompanhamento á voz taurina do mestre cantor.»

Mestre Pero era homem de quarenta annos, roliço, baixo, espadaúdo e vermelho. Estava vestido de um modo verdadeiramente comico: tinha na cabeça uma carapucinha branca mui suja e ensebada; trazia vestida uma especie de jaqueta, a que então chamavam corpinho, de fustão pardo, debruada de ipre verde escuro: andava em ceroulas, e trazia calçadas umas botas pretas, que lhe davam por meia coixa: de um lado pendia-lhe da cinctura uma bolça, por uns cordões tão compridos, que se lhe mettia, quando dava qualquer passada, por entre os tornozellos; da outra parte tinha uma faca de cabo de ferro com uma argola no topo em que enfiava um cordel que lha segurava ao cincto; e para completar a harmonia de tão vistosos arreios, trazia ao pesco-

ço uma grande toalha, á guisa de babadouro. Quando Fernão Cardoso bateu, o mestre cantor passeava pela casa compondo uma missa, que devia estrear-se dentro de quinze dias na capella do cardeal.

«Bofé; disse elle, depois de acabar a musica vocal e instrumental, e abraçando Fernão Cardoso—: bofé que bem cri nunca chegasse este dia. Amigo licenciado, aqui tendes o homem mais gracioso e panceiro da côrte delrei nosso senhor D. João 3.<sup>o</sup> — o affamado pagem da toalha Fernão Cardoso.»

Isto dizia Pero do Porto, voltando-se para um homem, que, cuberto com um bernêo, e assentado a uma banca, com a cabeça mettida entre os punhos, parecia ler attentamente um grosso volume de pergaminho amarellado, á luz baça de uma candea de bronze, que tinha diante de si. Era o licenciado Christovam Rodrigues Acenheiro, amigo antigo e intimo de Pero do Porto, que vivia juncto com elle, desde que mestre Pero viera residir em Evora como cantor principal da capella do cardeal D. Affonso. O licenciado mostrava ser de idade de sessenta annos, alto, magro, bastante curvado para diante, habito que contraíra por muita frequencia de ler e escrever; mas robusto e sadio, posto que um pouco pallido. Tinha ajunctado algum cabedal advogando por muitos annos; e achando-se com meios sufficientes para viver parcamente, havia abandonado o foro, entregando-se exclusivamente ao estudo e comparação das velhas chronicas do reino, a cuja leitura tomára tal inclinação, que em nenhuma outra cousa gostava de fallar, nem outro passatempo para elle havia mais que revolver manuscriptos antigos, em que podesse saciar a sede de sciencia historica. Mandava, com grande gasto de sua pouca fazenda, tirar traslados das numerosas memorias, que ainda então existiam pelos archivos e mosteiros do reino, e estes traslados eram para elle outros tantos evangelhos. Naquelles bons tempos ainda não tinha apparecido nem a diplomatica, nem a arte critica; as escripturas, prazos, doações, cartas de testamento, &c. ainda pouco serviam para investigações historicas; as fabulas, que, ou interesses particulares, ou a imaginação de credulos cenobitas havia enxerido por meio dos factos do passado, mereciam tanta crença como estes; e a poesia popular tinha consagrado as suas tradições, povoando com ellas a aridez da historia, como tinha povoado a noite escura de medos e larvas, os bosques de monstros, os cemiterios de phantasmas, e os templos, e mais logares consagrados, de maravilhas, e milagrosos successos. Naquelles bons tempos o espirito humano, semelhante á hera, abraçava-se a todos os troncos da arvore da vida, e vestia-os de viço e folhagem. O homem cria no homem; e o mundo ideal tomava corpo e vulto, e misturava-se com a realidade para a afformosear. Hoje a sciencia desbaratou todas as illusões: assentados no areal medonho do presente, estendemos os olhos para o passado, e parece-nos enxergar lá, no meio das sombras que o cercam, alguns oasis deleitosos, onde ha frescor e consolo para nossas almas requeimadas. Mas, como se Deus, em quem a mór parte dos que vivem já não crê, nos houvera condemnado a nada crer, a voz severa, ou antes cruel, da sciencia nos brada — mentira! — e a imagem que nos enlevava some-se; e o espirito dá outra vez em terra, e jaz no seu scepticismo. Quando este domina tudo, seja-nos licito fazer tambem uma pergunta, e deixa-la sem resposta — A arvore da sciencia será a do bem ou a do mal?

Com estas reflexões tristissimas nos hiamos já esquecendo da nossa historia. Voltemos a ella, e não

(\*) Famoso cavallo do Cid Campeador.

pensemos agora no que vae pelo mundo das letras, tão baralhado e revoltado, como o mundo da politica.

Quando Pero do Porto disse ao seu camarada o nome do hospede que chegára, o licenciado ergueuse da sua poltrona de couro atauxiada, que mostrava mais de um seculo de antiguidade, e pertencia ao gothico puro. A passos lentos aproximou-se de Fernão Cardoso, e com a affabilidade e franqueza propria de um homem singello, apertando-lhe a mão, lhe disse:

« Melhor hospedagem cumpria a pessoa costumada a mimos do paço; mas se não achaes aqui regalo, encontrareis ao menos nesta pobre casa o gasalhado da boa vontade. Muito me tem fallado de vós Pero de Porto, e folgo chegasse o ensejo de nos honrardes nossa humilde morada: »

« Por honrado me hei eu de passar um serão com o mui sabio Christovam Rodrigues Acenheiro, cujo nome é tão conhecido na côrte. »

Estas palavras fizeram abaixar os olhos ao licenciado, mas pelo seu coração passou o estremecimento da gloria. Pobre gloria humana! — As palavras de Fernão Cardoso não eram mais que um calculo d'engano cortesão. Entrando, vira este homem rodeado de pergaminhos, e livros, e julgando-o dado ás letras, quiz lisongea-lo. Pobre gloria humana! Ninguem neste mundo conhecia ainda o auctor ou compilador do resumo singello das chronicas dos *envenecyssimos reis de Portugal*.

« Mas assentae-vos, amigo Fernão Cardoso: acudiu Pero do Porto, arrastando uma poltrona, mais pulverulenta e velha, se era possivel, que a do licenciado. Deveis vir cansado: ou cavalgastes até cá? Que tal esteve o dia? — Que se diz hoje pela côrte? — A saude pelo que parece não vae má? Hem? — Clara! Clara! apressa essa cea? »

Estas ultimas palavras, puxadas com ancia dos amplos pulmões de mestre Pero, retumbaram pelo velho edificio, como os berros ou estouros de trovada eminente. O licenciado, que estava em pé juncto dos dois amigos, disse então, fazendo uma cortezia, e encaminhando-se para o bofete:

« Creio que me dareis licença para levar a cabo, antes de cea, a leitura de uma chronica latina, cujo traslado devo infallivelmente restituir ámanhã. »

« Estae á vossa vontade, respondeu Fernão Cardoso, que se ergueu um pouco, fazendo-lhe uma leve inclinação de cabeça; e, voltando-se para o mestre cantor, disse, rindo:

« Diabo! — como quereis que vos responda de roldão a tantas e tão desvairadas perguntas? »

« Seguidamente: retrucou mestre Pero. — Tambem as notas de um te-deum estão junctas em um só papel, e cantam-se a compasso, umas apoz as outras. »

« Tendes razão. Mas antes de tudo dae-me uma vez d'agua. »

« Ai! — interrompeu o cantor — é cousa que não vos darei de leve. Affirmo-vos que me doeria a consciencia se em tal dia como este vos visse beber esse veneno lento, a que chamam agua. O meu cantaro é um odre: e o mais é, que nunca nelle achei vinagre; porque o despejo a miude. Que me dizeis! »

« Já que assim o quereis, trocarei a vez d'agua em uma vez de vinho. »

« *Laudate dominum!* — exclamou mestre Pero, encaminhando-se para uma porta que dava para os quartos interiores. — Irei eu busca-lo; que a minha Clara está aviando a cea. »

Em quanto o cantor ia tractar de impedir que o seu hospede se envenenasse, bebendo agua, este teve tempo de examinar a habitação onde se achava. Era uma casa terrea e baixa, em cujo tecto affu-

mado se viam algumas fendas, pelas quaes penetrava a chuva: a um canto estava o telonio do licenciado; e este era o sitio mais decente e bem reparado da quadra, porque abi o tecto parecia bom, a parede era branqueada, e o chão cuberto com uma esteira grossa, que embargava a humidade. Christovam Rodrigues Acenheiro estava na sua postura costumada, curvado sobre o bofete, com a cabeça entre os punhos; e Fernão Cardoso assentado na poltrona, maldizia, lá comsigo, a hora em que se tinha lembrado de cumprir a promessa que fizera ao mestre da capella do cardeal, de vir ceiar com elle algumas vezes, em quanto a côrte residisse em Evora, e protestava no intimo da sua alma, de nunca mais nem sequer passar pela rua da Oliveira.

Feito este bom proposito, o famoso pagem da toalha esperou resignado a volta do seu hospede, cuja figura repolhuda e vermelha não tardou em assomar no vão da porta interior: trazia em uma das mãos uma escudella de barro, e na outra uma grande borracha:

« Ei-lo aqui do anno passado, que parece ter dez annos: é de real a canada. Nunca o bebi melhor em Valença, quando . . . »

« Quando ereis mestre da sé daquella cidade: — atalhou Fernão Cardoso.

« Onde ensinei muito tempo; onde conheci e tractei com principaes: »

« Ladrão! — rosou com os seus botões o pagem da toalha de D. João 3.<sup>o</sup> — Ladrão! — que me vais empurrar pela vigessima vez a historia das bebedeiras, que pilhaste em Castella! »

« E era havido em muita reputação, proseguia mestre Pero, e muito estimado; e muitas vezes nos iam, eu e os regedores da cidade, a folgar, e nos mettiámos em uma taberna, onde comiamos, e bebiamos perto de um almude de vinho; e sobre isto folgavamos, e jogavamos as bofetadas; e muitas vezes nos embebedavamos, e não deixava de ser cada um quem era; que já me aconteceu descalçarem-me as calças, e os çapatos, sem eu sentir nada; senão quando me desembebedava, e me ia á pousada descalço. Aquillo é que era terra para viver e folgar, que não aqui em Portugal! » (\*)

« A cea está prompta. » — Estas palavras, que soaram do interior da casa, eram pronunciadas por uma voz mulheril, cujo accento parecia estrangeiro. « É Clara: — pensou Fernão Cardoso, que bocejava em hiatos tremendissimos, ouvindo a gurrada e nojentia historia do mestre cantor: « alguma valenciana de olhos formosos, que Pero do Porto comsigo trouxe, e que bem mal-empregada é em tal borracho. Terei ao menos mais agradável companhia. » — Esta idéa o consolou; porque já imaginava uma distracção ao tedio infinito que delle se apoderara. E com effeito, que ha abi que alegre melancolias como uma voz de mulher? Na mais aborrida hora do existir, se vem cortá-la um sorriso feminino, o homem cessa de maldizer da vida. No ultimo degráu da vileza, da corrupção, ou da perversidade, o homem perde o derradeiro vestigio da nobreza do seu ser; mas a mulher lá mesmo conserva lembranças de que foi anjo. Não ha coração mulheril que se feche inteiramente, como o do homem, em involuero de maldade, e de torpesa, ou se o ha, tão raro é elle, que poucos o terão encontrado. É por isso que onde soa á voz da mulher ha sempre um brado de esperanza, como, por mais que o ceu ande cerrado de nuvens, não desesperámos da luz; porque sabemos que alem desses castellos nebulosos, gira o astro do dia, que mais

(\*) Tudo o que pomos na boca do mestre cantor é copiado textualmente da carta, já citada, de Fernão Cardoso.

cedo ou mais tarde affugentará as trevas que nos rodeam. Mulher, mulher! astro de luz tambem tu és; somos nós as nuvens de tempestade, que muitas vezes te escurecemos a face, e depois nos queixámos de ti, e te acusámos e amaldiçoámos, tendo-te apagado o brilho da pureza com o lodo das nossas paixões vilissimas! . . . Mas outra vez íamos quebrando o fio da historia, cuja gravidade não consente estas reflexões que atiram algum tanto ao romantico, cousa, como todos sabem, a mais abominavel, das mil e uma abominações litterarias deste abominando e desenfreado seculo.

Tanto que a palavra *cea* feriu os ouvidos de Pero do Porto, deixando a escudella de vinho nas mãos de Fernão Cardoso, e largando no chão a borracha, correu á porta, donde soara a voz, e disse para dentro:

“Se está prompta, põe aqui a mesa, para honrar-mos o hospede.”

“Immediatamente, um vulto de mulher, que mal se enxergava á luz baça da candeia remota do licenciado, appareceu no limiar da porta interior e deu alguns passos: — Fernão Cardoso lhe viu o rosto: . . . era Clara . . . era uma preta negrissima! Os sonhos do pagem da toalha caíram em terra desfeitos em pó, como um cadaver romano desenterrado em Pompeia se dissolve apenas lhe bate o ar.

A preta trazia na mão dois pés de banca, feitos em fórma de X: collocou-os no meio da casa e deitou-lhe em cima uma especie de tableiro, sobre o qual estendeu uns mantens (\*) que tiravam á côr daquelle Hebe do mestre cantor. Depois pegou em uma grande alampada, que estava em uma prateleira ao canto da casa, accendeu-a á candeia do licenciado, e pendurou-a por cima da mesa em um arame, que ia prender no tecto da vasta quadra.

“Vamos, amigo Fernão Cardoso — disse o jovial Pero do Porto assentando-se á mesa — pareceis hoje desacostumadamente triste! — Chegae-vos para cá. Senhor licenciado são horas de deixar esses excomungados livros.”

O licenciado ergueu-se vagarosamente; apagou a sua candeia de bronze; e dirigindo-se para a mesa fallava consigo só.

“Não ha que duvidar! — todas as chronicas ressam pelo mesmo theor . . . Não foi fabula tua, Duarte Galvão . . . certo que não foi fabula! . . .”

E assentou-se ao pé de Fernão Cardoso: do outro lado estava Pero do Porto, juncto do qual havia uma poltrona vasia. A preta que tinha saído voltou naquelle momento: trazia na mão duas escudellas de barro vermelho, que poz sobre a mesa; foi á prateleira buscar uma altamia [::] e collocou-a igualmente sobre os mascarrados mantens: depois tornou para dentro, e veio com um filhinho ao collo.

Trazia tambem uma borracha enorme, que poz ao pé das escudellas.

“Digna serva de tal senhor:” pensou Fernão Cardoso, olhando para a negra Clara, que se aproximava para assentar-se na cadeira que estava vaga, ao lado de Pero do Porto. Com effeito a preta tanto na figura como no traje era hedionda. Vestia um cós ou cincta de chamalote aleonado, já muito velho, e uma averdugada (⊙) que fôra amarella, rota e immunda: ao pescoço trazia pendurada, não uma porção d’ambar em fórma de pera, como então se usava, mas uma bolla de cera pez, qual sua dona, tisonada e fetida; a carapinha tinha-a em crenchas (§)

(\*) Toalha. (:) Vaso como escudella, almofia, ou alquidarianho.  
(⊙) Saia com barbas de balea, para fazer uma especie de do-naire: vestuario do seculo 16.<sup>o</sup>

(§) Crenchas é o vocabulo que dá exactamente o francez *meche de chevet*: porção do cabello empastado, que não chega a ser trança: delle usa Fernão Cardoso na carta citada, de que vamos tirando esta descripção.

revoltas e enredadas, que lhes ficavam tão bem como ficaria a uma furia o seu toucado de serpes. Aquella tenebrosa formosura andava, alem disso, descalça de pé e perna.

Tendo examinado a figura brutesca de Clara em um lanço d’olhos, o pagem da toalha os voltou para os pratos que estavam na mesa, e sentiu arripiarem-se-lhe as carnes, vendo que ficava sem cea. Em um dos pratos havia um alentada porção de verde guisado (\*\*), e no outro selada, comida em verdade deliciosa para uma noite de Fevereiro, em que o vento soprava do nordeste, e fazia tiritar de frio, entrando pelas físgas da mal reparada casa.

O verde era enxuto, e poder-se-hia comparar a uma grande almondega da nossa moderna cosinha. Puxando pelo navalhão que trazia á cincta, mestre Pero dividiu em talhadas aquella especie de bollo; cortou quatro grossas fatias de pão; poz sobre cada uma dellas uma das talhadas do verde, e repartiu-as entre todos, sem esquecer a preta que se havia assentado na poltrona que lhe ficava ao lado.

O licenciado, sem dar palavra, comia apressadamente, e parecia que uma idéa viva lhe preoccupava o animo. Pero do Porto com o verde, sobreposto no pão, na direita, lhe cravava a espaços os dentes, entremecendo-o com mão-cheias de selada, que com a esquerda tirava da escudella.

Fernão Cardoso, estava em ancias: o estomago se lhe revolvía com o cheiro do guisado: por outra parte não queria offender o seu hospede: enfim resolveu aproveitar-se da luz baça que dava a lampada, para deixar cair no chão o verde, que ia progressivamente espalhando e desfazendo com os pés, ao mesmo tempo que roia o pão secco, dando a todos os demonios a visita, o hospede, e a cea.

“Não comeis selada? — dizia-lhe Pero do Porto, fallando com a boca cheia:

“Obrigado! Andei ha pouco com febres: receio-me das maleitas; senão comêra por vinte; que bem sabe ella neste tempo!”

“De beber! de beber! — gritou o mestre cantor como se estivesse dando ordens a duzentos arcabuzeiros de cavallo.

A preta alevantou-se; pegou na borracha; encheu a altamia, e po-la diante de Fernão Cardoso.

Este, tendo-lhe apenas chegado os beiços, offereceu-a ao licenciado, que sem lhe tocar a passou ao seu companheiro. Pero do Porto despejou-a d’um golpe. Depois alimpando a boca á borda dos mantens, disse para o pagem da toalha, que bem ou mal tinha tragado o pão que lhe coubera em sorte:

“E as noticias da côrte, que vos pedi? — Ha ou não ha por lá cousa que valha a pena de saber-se?”

“Certo que sim; e bem tristes cousas. Não vo-las quizera eu dizer: — respondeu Fernão Cardoso, com ar compungido, e desejoso de se vingar da má cea, com algum epigramma.

“E que tristes novidades são essas? replicou o mestre cantor.

“Que elrei espera brevemente bullas do papa para haver em Portugal a sancta inquisição, e que vão ajunctar-se côrtes em Evora, o que fará encarecer o vinho pelas muitas gentes que a ellas vem.”

A noticia ácerca da inquisição alludia a certo zum-zum, que vogava, de que mestre Pero não era dos mais correntes na fé; a outra facil é de perceber aonde atirava, para quem se lembrar das proezas practicadas em Valença, e que elle referira pela vigessima vez ao pagem da toalha.

(\*\*) O verde era uma comida muito indigesta feita com sangue de porco, ou de boi, temperado com varios adubos: provavelmente o mesmo a que o povo hoje chama *serrabulho*.

«Má é a segunda nova: quanto á primeira se-lo-ha só para judeus: retrucou Pero do Porto, rindo com um riso amarello.»

«Má é a primeira: — disse o licenciado que até ahí estivera em absoluto silencio. — Má é a primeira porque vae com isso elrei dar mais força ao poder de Roma, que por nosso mal não é pequeno. Não sou eu dos que temem por si; que, mercê de Deus, sou de raça lidima, e nunca fui suspeito de judaismo nem d'heresia; mas temo pela minha terra e pela minha nação. Doem ainda a Castella as feridas que lhe abriu a furia da inquisição. Sancto e bom é seu instituto; mas esta geração vae corrupta e má, e creio eu que mais cubiça, e falta de caridade, e luxuria ha ahí por claustros e cleresias que por paços de senhores, praça de traficantes e mercadores. É por isso que eu não quizera que a gente ecclesiastica tivesse mais um caminho para satisfazer suas paixões desordenadas.»

A vehemencia com que o licenciado pronunciou estas palavras moveram rijamente o animo de Fernão Cardoso, que apesar de folgazão era homem de claro entendimento.

«Talvez tenhaes razão — disse elle para Christovam Rodrigues Acenheiro —; mas os intentos de sua altesa são conservar a religião, e guerrear seus inimigos: apesar de quanto fez elrei D. Manuel para acabar com elles, parece que cada vez crescem mais: tempo ha em que é preciso ser cruel; ferro e fogo são ás vezes remedio: e se algum innocente padecer, Deus lá está para lhe fazer justiça.»

«Ferro e fogo — tornou o licenciado — quizera eu se gastasse com os inimigos da cruz que moram pela frontaria d'Africa. Era contra mouros armados que Portugal sabia usar de um e d'outro em tempo de nossos antigos reis: hoje mal se cuida disto. Náus e soldados, só os ha para a India; porque na India trocámos sangue por ouro; na Africa feridas por feridas. Bate o alcorão ás portas de nossas fortalezas, e nós curámos de accender fogueiras nas praças de Lisboa, para queimar homens, cujos erros mal resumbram das trevas em que andam involtos. Os cavalleiros portuguezes em vez de correrem para o theatro das nossas passadas façanhas, irão assistir ás execuções de um tribunal que servirá as ambições da gente ecclesiastica de Roma, cuja dissolução deu azo a alevantar-se esse antechristo d'Alemanha, Fr. Martim, (\*) que tantos damnos tem feito. Como cabeça da egreja muito se hão de venerar os papas; mas os papas são homens, e velho intento de todos elles é o acurvar as cervizes dos reis até lhes estes beijarem os rostos das suas alparcas: nunca dos nossos o alcançaram, salvo, com magoa o digo, de sua alteza que Deus guarde. Sabeis vós o que succedeu a elrei D. Affonso Henriques com o papa que era no seu tempo?»

«Sei eu: — acudiu Pero do Porto, que escutára com religiosa attenção o discurso do seu companheiro, approvando-o de quando em quando, com um signal de cabeça affirmativo —; sei eu o que quereis dizer: é a historia do legado. Ouvi uma vez o cardeal meu senhor, e o chronista Fernão de Pina fallarem sobre esse ponto: mas Fernão de Pina teimava que era fabula, e João de Barros, que todos teem em conta de mui discreto, e que tambem ahí era presente, encostava-se á mesma opinião.» (:.).

(\*) Assim é chamado Luthero em um manuscrito nosso do principio do seculo 16.º — A idea que nessa epocha se fazia em Portugal do reformador allemão era horrivel, isso, todavia, não obsteu a que alguns portuguezes instruidos, seguissem em parte, posto que a occultas, as suas doutrinas.

(:.) Este juizo acerca da historia do legado do papa acha-se tambem em uma collecção de apontamentos historicos feitos (segundodizem) por João de Barros, e anotados (indubitavelmente)

«Não acertam: — tornou o licenciado. Em todas as chronicas mais antigas o acho narrado, e não vejo razão para deixarmos de o acreditar. Em elegante phrase o acabo eu de ler nessa memoria latina, que devo restituir amanhã, e que tem seus bons duzentos annos.»

«E que historia é essa, de que me parece ter já lido alguma cousa, ou ouvido confusamente fallar?» — perguntou Fernão Cardoso, cuja curiosidade tinha sido excitada pelo discurso do licenciado, e a quem a cea não pesava demasiadamente no estomago, para lhe produzir somno.

«Ve-la-heis dentro em pouco na abbreviação que estou fazendo das chronicas dos *envencissimos* reis de Portugal... Mas esperae... isto é cedo, e se quereis, ler-vo-lo-hei nesta elegante escriptura, que de mim por tão pouco tempo fiaram.»

«Sou mui fraco latino — interrompeu o pagem da toalha — para poder entender seguidamente essa leitura: aliás de boa vontade vos escutára.»

«Usa serás mestre: — respondeu Christovam Rodrigues Acenheiro: — le-lo-hei em portuguez corrente; nem me será grão trabalho tal leitura.»

«Far-me-heis então nisso assignalada mercê: — tornou Fernão Cardoso.

O licenciado ergueu-se: foi buscar o manuscrito: abriu-o, e leu o que se verá no seguinte capitulo, em quanto o mestre cabeceava, a preta roncava, e a creança, que esta tinha nos braços, dormia placidamente o seu somno d'innocencia. — A. H.

(Continuar-se-ha).

#### CURIOSIDADES QUE SE ENCONTRAM NAS DISPOSIÇÕES DE ALGUMAS DAS NOSSAS ANTIGAS CORTES.

##### Cortes de Santarem de 1331.

##### COUSAS DE VENTO.

DE tempos remotissimos chamavam os portuguezes ás cousas perdidas *cousas de vento*: esta denominação, segundo o auctor do Elucidario, que só a attribue ao gado, provinha de este andar, solto e sem pastor, vagando incerto como a folha arrebatada do vento, ou mudando-se como o mesmo vento se muda. Esta explicação, todavia, não é applicavel, senão a essa especie de cousas, sendo certo, posto que elle o não diga, que, talvez desde o principio da monarchia, se applicava a todo o genero de cousas perdidas, e só nos foraes de D. Manuel se dá exclusivamente ao gado. Nas cortes de 1331 [D. Affonso 4.º] *aggravam-se* os povos a elrei de que, ordenando seus foros que *as cousas que acham de vento*, as vendam as justiças de certa maneira, em certo logar e tempo, não o fazem, pelo contrario as sonegam ou vendem logo, de modo que ainda que os donos venham procura-las no praso da lei, não as acham. Proveu elrei a isto ordenando que se guarde o costume, com pena de *falsairo* para o contraventor. Este costume era haver um logar fóra da povoação, aonde estas cousas se traziam em um dia sabido [o qual variava segundo o costume de cada terra] e allí, tomando-as a rol, apregoavam essas cousas para certo numero de dias, no fim dos quaes se vendiam, se não apparecia o dono.

por Fernão de Pina. Sendo de reparar, que os argumentos apontados contra aquella tradição por Fr. Antonio Brandão são quasi os mesmos que se acham referidos no manuscrito.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, rua nova do Carmo  
N.º 39 = D.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.